

Inventando o futuro

Ignez de Oliveira Felix Rodrigues

A meu ver, os otimistas acreditam que este mundo é o melhor possível, ao passo que os pessimistas suspeitam que os otimistas podem estar certos. Mas acredito que essa classificação binária de atitudes não é exaustiva. Existe uma terceira categoria: pessoas com esperança. Eu me coloco nessa terceira categoria. De outra forma, não veria sentido em falar e escrever.

(Zygmunt Bauman)¹

Cibercultura e Educação: Trazendo a escola do amanhã para hoje.

É com esperança que almejamos o futuro, pois assim ganhamos fôlego para sobreviver. Não almejamos qualquer futuro, mas um futuro bom, evoluído, resolvido, preparado, e assim vamos vivendo e experienciando o cotidiano da vida. Início esse artigo refletindo nas palavras de Zygmunt Bauman, e me aproprio de seu pensamento parafraseando suas ideias na intenção de expressar os meus próprios pensamentos. Pois nessa cultura sociotécnica em desenvolvimento em que vivemos, os pessimistas acreditam que a tecnologia será a destruição da sociedade. Os otimistas acreditam que os avanços tecnológicos nos levarão a uma sociedade melhor, mas ainda

¹ Resposta à entrevista para revista Época em 2014.

suspeitam que os pessimistas possam estar certos. Não tenho respostas para o futuro, mas posso começar a discutir as implicações ciberculturais refletidas no hoje. E o foco dessa reflexão é o impacto dos desdobramentos ciberculturais transformando o ambiente educacional.

Os avanços tecnológicos ocorridos dentro do ambiente educacional não aconteceram de forma fácil. Apesar de não serem todos os profissionais, é notório que não há tanta habilidade tecnológica entre os educadores na sociedade, esse movimento ainda não é tão fluido, tão natural como deveria ser. E tivemos uma real percepção disso durante a pandemia. Durante esse acontecimento de proporções mundiais toda a população ficou aguardando o posicionamento das autoridades sanitárias para que o retorno de discentes e docentes acontecessem a qualquer momento. Porém passaram -se meses e logo foi entendido que a pandemia não era algo passageiro e que o fechamento das escolas seria uma medida um pouco mais duradoura, como corrobora Lyra e Soares: “as escolas foram fechadas [...] quatro meses depois, em julho, permaneciam fechadas e sem perspectiva clara de quando reabririam, aguardando as autoridades médicos-sanitárias indicarem a flexibilização e [...] o retorno das crianças. (LYRA e SOARES, 2021, pg.115).

Para organizar esses estudos na casa foram tomadas várias medidas, entre elas temos no dia 16 de junho de 2020, exatamente 3 meses depois do fechamento das escolas, a aprovação pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) a portaria 544, onde “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - covid-19”. E foi nesse cenário que começou a ficar perceptível as questões sobre a tecnologia dentro da escola. Desde a aquisição tecnológica e a quantidade/ variedade de equipamentos que essas escolas tinham, até a habilidade dos profissionais para brincar o uso das tecnologias com

os seus conhecimentos pedagógicos. Os professores se encontravam em uma situação inesperada, e precisaram “navegar” rapidamente na cultura digital. Michel de Certeau em sua reflexão, diz que são nesses caminhos inesperados que produzimos as “astúcias táticas das práticas ordinárias” nos cotidianos (CERTEAU, 2014, p. 13). O autor francês já compartilhava a ideia de que os seres humanos criam e recriam sua vida. Criam e recriam conhecimentos, a partir dos acontecimentos vividos, sentidos e dos desvios da vida operados por uma prática social (CERTEAU, 2014).

A pandemia foi um disparador para as práticas ciberculturais na escola, pois depois dela vários dispositivos ligados em rede, vários artefatos tecnológicos que foram utilizados nesse período, foram acrescentados ao cotidiano escolar e estão conosco até hoje. Cito como exemplo as plataformas de vídeo conferências, os aplicativos como o *Whatsapp*, as redes sociais como Instagram e *facebook*, dentre outros. Ou seja, avanços tecnológicos pandêmicos afetaram diretamente o cotidiano escolar. Tudo o que acontece no mundo, tudo o que acontece na sociedade, na vida, na ciência, afeta os nossos cotidianos. Todo movimento, caminho e modificação em torno do homem deve ser tratado e pesquisado com muita atenção, “a ciência e o cotidiano não podem ser tratados de forma dicotômica” (MATURAMA, 2001, p. 30). E a escola não está apartada dessas mudanças na sociedade, muito pelo contrário, na escola se constrói a sociedade e por conta disso ela precisa estar intimamente ligada com todos os movimentos que desencadear ao seu redor.

A tecnologia tem muito a oferecer à escola, tem muito a oferecer ao professor, pois nessa história digital em que vivemos, nos relacionamos diariamente com o digital na web, e a web é incessante, aberta, é adornada de informações em fluxo contínuo, multifacetada... é longe e perto, e ao mesmo tempo aberta e fechada. É moldada em cada grupo físico/humano e mergulhada na multifacetabilidade do semiótico. Contribui, retribui e condena, em resumo é instigante,

sedutora, irresistível, quem há de desprezá-la? Quem há de ignorá-la? Todos podem participar, todos podem contribuir, há espaço no ciberespaço. Que possamos deixar a cibercultura dar rumo, um sentido uma direção à escola. Que essa cultura contemporânea possa adentrar no ambiente escolar e fazer uma transformação, uma revolução, nas práticas docentes. Trazendo o futuro desenvolvimento da escola para o hoje. Trazendo o que se espera do amanhã com o uso das tecnologias para o AGORA.

Referências:

BRASIL. Portaria nº544 de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – covid-19, e revoga as Portarias MEC nº343, de 17 de março de 2020; nº 345, de 19 de março de 2020, e nº473, de 12 de maio de 2020. **Diário oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 114, o. 62, 17 Jun. 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014. v.1

MATURANA, H. R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

LYRA. A e SOARES. A. J. Gonçalves In: Maria Celi Chaves Vasconcelos (Org.) **EDUCAÇÃO DOMICILIAR NO BRASIL mo(vi)mento em debate** . Curitiba: CRV, 2021. P. 115- 138.

Sobre a autora:

Ignez de Oliveira Felix Rodrigues é mestranda pelo Proped/UERJ, Pós-graduada em Psicopedagogia (UCAM), Pós-graduada em Língua Portuguesa para Surdos (INES), Pós-graduada em Educação Especial e Inovação Tecnológica (UFRRJ), Graduada em Pedagogia (UERJ), Intérprete de Libras (INES), Professora da Rede Municipal de Ensino de Duque de Caxias. Gosta de escrever poesias .

